

PRIMEIRAS
CANTIGAS DO ARAGUAIA

Libério de Campos

homenagem ao 2º aniversário
da resistência armada
das
fôrças guerrilheiras do araguaia

APRESENTAÇÃO

Estas poesias foram feitas provavelmente pelos guerrilheiros do Araguaia. Sua primeira publicação parcial se deu em 1979 no jornal "Resistência", do Pará. Segundo Luiz Maklouf, responsável pela sua publicação, elas foram enviadas em 1976 ao jornal "O Estado do Pará" onde trabalhava. Sabendo que jamais seriam publicadas por este jornal, ele guardou-as cuidadosamente até que houvesse condições de editá-las. Os pais de uma das guerrilheiras, quando estiveram na região procurando obter informações do paradeiro da filha, mantiveram contato com o Jornal Resistência e conseguiram trazer uma cópia completa das poesias.

Quem as lê percebe que, de fato, foram feitas por pessoas muito íntimas da guerrilha. O prefácio original - "Cantar é Preciso", escrito todo no plural, contradiz a assinatura de um único autor no final do mesmo. "Libério de Campos" pode ser, inclusive, uma alusão dos autores aos objetivos de sua luta - "Liberdade-Camponeses". No próprio prefácio o seu início diz claramente - "há dois anos, guerrilheiros no Araguaia" - situando os autores. Enfim, a própria maneira que chegou, enviada pelo correio para "O Estado do Pará", sem maiores explicações, sem remetentes, sem nada, reforça ainda mais nossa hipótese.

Duas poesias chegaram até nós trazidas por um ex-exilado na Suécia, pois vários materiais dos guerrilheiros foram publicados em revistas de lá. São elas: A HELENIRA REZENDE e alguns fragmentos de ESCUCHA LA VOZ DEL ARAGUAIA.

Estas poesias são de imenso valor para nós. Primeiro por ser um resto de vida, do coração de nossos entes queridos, perdidos de forma tão bárbara na Guerrilha. Depois, pelo seu valor histórico, pois constituem sem dúvida um material precioso para o estudo da guerrilha, das aspirações dos guerrilheiros, de como encaravam a luta.

Sendo assim, decidimos publicá-las, pois sabemos da nossa responsabilidade na tarefa de resgatar a memória dos nossos filhos, pais, irmãos, maridos, que participaram da guerrilha do Araguaia. Mantivemos na íntegra o caderno, conforme chegou-nos às mãos. O desenho de capa é também do original enviado ao "O Estado do Pará"

FAMILIARES DE MORTOS E DESAPARECIDOS
NA GUERRILHA DO ARAGUAIA

JULHO DE 1980

Um dia lembramos. Há quase dois anos, guerrilheiros no Araguaia. Há quase dois anos, lutando. Contra a miséria. Contra a opressão. Contra o meio adverso, no meio da selva, lutando.

E a guerrilha vive. Lâmpada acesa na noite (há quase dois anos), vive. Apesar de insídias latifundiárias. Apesar dos tecnocratas. Dos belicosos. Dos tristes, dos monopólios. Apesar dos generais. Senhores da terra e da guerra, donos do fogo e do lôgro. Apesar - e por causa deles - a guerrilha vive. E corre, como um regato noviço, para os rios da Manhã.

Vitórias foram conseguidas. Há quase dois anos, ali e além, cresce a resistência popular. O povo percebe. O povo aspira ao ar um sopro de novo em tudo isso. E descobre. E se move. E resiste. E pouco a pouco se forja em coisa única, indivisível.

E nós, que temos feito diante disso? Os que sabem o tempo não podem ficar à margem, assistindo apenas. Decerto! que por fuzíl e decreto é proibido cantar. Mas cantar é preciso. Quando ainda não o grito, seja o balbúcio. Se não a palavra aberta, o amplo segredo. Nunca, no entanto, o silêncio. Dizem que o silêncio é de ouro. Mas de quem esse ouro? Sabemos que não do povo. Para nós o silêncio é podre. E cantar é preciso.

PRECISO

Pensando nisso é que organizamos este caderninho. Revelação artística é talvez o que de menos se mostra aqui. Tampouco é áspero o canto conforme pede o momento. Guiou-nos porém, mais que tudo, a vontade de dizer. O desejo de quebrar as vidraças' do silêncio.

Esperamos que esta nossa iniciativa - apenas débil sussuro - possa, de outros lábios, desentranhar, mais firmes, afirmações de esperança, cantigas de alvorecer. E, numa livre reação em cadeia, que as palavras se lavrem, se elevem, se multipliquem.

Este trabalho é, pois, dedicado a todo o povo brasileiro; a todos os que, de alguma forma, se batem pela liberdade; e principalmente ao povo e às Forças Guerrilheiras do Araguaia, pela sua brava resistência patriótica, de onde já saltaram para a História verdadeiros mártires e heróis, a exemplo de Bergson Gurjão, Quelé e Helenira Machado.

Libério de Campos
fevereiro de 1974

Silhuetas

1. cidade grande

à sombra
dos arranha-céus
plantam-se
as favelas

2. campo

no tempo
sempre-gerúndio
o latifúndio

escravizando
léguas
éguas
e homens

Palafitose

entre mar e rio
entre terra e água
onde o mar começa
e onde o rio acaba
sujo cego negro
vem o caranguejo
e faz sua casa

reina o caranguejo
sobre os seus domínios
peixe de vazante
retrógrado e vivo
até que outros bichos
- pouco mais que bichos -
rasteiros, sem asa
tangidos dos matos
vem tomar-lhe a casa
e roubar-lhe o status

entre nada e tábuas
entre lama e lixo
entre homem e bicho
sob um céu de lata
onde ao mar o rio
vem beijar sombrio
com seus beijos d'água
vem o sertanejo
sujo cego andejo
e faz sua casa

não é mar: maré
não são verdes linfas
nem cantigas limpas
sob um sol qualquer
são cachorros podres
são odores fortes
é a matéria viva
parceirando a morte
é o dia no mangue
que é a própria noite

é um risco de sangue
é um sangue sem tinta
são trinta misérias
sempre nunca-extintas
é uma vida pouca
de bocas famintas
é uma vida parca
de maré vazante
de maré distante
das marés distintas

é uma flor soturna
morna, suja mágoa
cuja dor não pinta:
quando sobe a água
sempre é maré baixa
pois não enche - incha

não é mar: maré
noite susto lodo
onde o homem todo
da cabeça ao pé
fica sendo peixe
fica sendo parte
(com fogo e sem fé)
desse movimento
quieto cauto lento
que de mar não é

Verso & Reverso

uma a cidade propriamente dita
outra a desdita propriamente

palacetes
palafitas

são duas cidades em coexistência pacífica
outra pela uma dirigida ou seja digerida

são duas salas/duas telas

uma sala

Kodak do turista
capa de revista
cartão postal

uma cela

vala comum de
perícia polícia
notícia policial

são duas salas/ duas alas
dois bocados e só um dente

ala gente
ala-gados

O Finado Joaquim

de morte não identificada
morreu Joaquim Ribeiro

foi de bala? foi de bile?
foi de polícia ou grileiro?

eram dois sem documento
a morte e o seu posseiro

sua mão floriu na terra
mesmo sem ter foro ou posse
posseiro que foi da gleba
fez-se em posseiro da morte

dono de nada na vida
nem da morte o é deveras:
morte assim sem folha escrita
quem pode ser dono dela?

morreu Joaquim, posseiro
que nem possuiu a terra

e hoje, de corpo inteiro
é possuído por ela

morreu Joaquim Ribeiro
e isso é tudo o que sei

sua vida foi fora da vida
sua morte, fora da lei

RETRATO

ali vai, desengonçado
e impróprio na vertical
se não cai, vertiginoso
é o seu sustento a si mesmo
com tanta tendência ao chão

às vezes possui altura
nunca tronco nem raízes
mas alto ou baixo não muda
é sempre a mesma figura
de cortes sem cicatrizes

não é branco porém bronco
que a fome e o sol tropical
não vão passar pelo corpo
deste ser vivo (mas oco)
sem deixar-lhe o seu sinal

é frágil porém fortíssimo
no seu traçado inumano
não tem cultura de livro
mas de germes e é seu nome
talvez Floro Bacteriano

seu olhar de cabra morto
vê bem como cabra viva
porém nunca sabe ao certo
se o que vê é longe ou perto
se é sinal de morte ou vida

seu gesto de não presença
é o de uma nau à deriva
ou mesmo o de um não ao prumo
sendo o seu vulto em resumo
uma foto em negativa

este faz-se de encomenda
fome a fome se fabrica
para ser entregue à morte
que dia a dia o persegue e
cobra a prestação de-vida

este não será herói
de novela nem de si
pois nele uma coisa rói
o clássico dom de amar
como os heróis de gibi

este não terá estátua
nem qualquer proclamação
deixará apenas rastos
ou restos de vidas: filhos
que algum dia tão de rastos

hã de erguer-se

e explodirão

VIDA VIVIDA

a) Jôgo de contrários

o pão
o pau

o arroz
o arrocho

a fala
o cala

a mão
o não

b) tempo

dia a dia
adiado

na bôca do fuzil
dialogado

mês a mês
sob a usura
desmesurada

ano a ano
desenganado

c) carências

sem saldo
nem soldo

sem vaga
nem paga

sem voto
nem veto

sem voz
nem vez

sem ter
nem ser

d) desacato

vida sem sucesso
vida sem sossego
vida de morcego
vida com nó cego

preciso é desatar

quem desata a vida
desacata a morte
desfere a dor-ferida
contra quem o corte

preciso é ser-se forte

O INÍCIO

Na avenida quase escura
palavras pisoteadas
pelas patas dos fuzis

gemidos

silêncio

mas no útero negro
do silêncio
surgem larvas
rugem larvas

de fuzis

(outros fuzis)

na mente mansa do povo
como um sonho gradativo
duras sementes de fôgo
em larga sementeira

e um dia (noite ainda
fome fúria)
fuzis lhe explodem nas mãos

fuzis

- as frutas maduras

e há luta a luta A LUTA

A B R I L

nem tudo
é ludo

quando abril
nos desce

nem tudo
é luto

quando abril
floresce

nem tudo
é susto

quando abril
se tece

1792 : a corda, o patíbulo
(a história tece
o seu fio) :

tomba o valente alferes

e abril?
e abril, que nos traz então?

- lição

1964 : bandidos
assaltam o sono e o
sonho do povo :

o medo ruge nas praças

e abril?
e abril, que nos traz
então ?

- prisão

1972 : como toda noite funda
é esperança
de manhã

no araguaia reia a luta

e abril?
e abril, que nos traz
então?

- clarão

MARABÁ, MAR-ALEM

- meu irmão, onde a guerrilha?
nas filipinas, manilha?
em terras que o mar não tem?

em bagdá ?
mar-além ?

se aqui é paz-maravilha
se a guerra aqui não faz ilha
onde a guerrilha está ? em

bogotá ?
jerusalém ?

onde a garra das guerrilhas ?
está nas ilhas, antilhas
ou ventos que aqui não vem ?

em al-di-lá ?
phõnm penn ?

onde o povo sabe a trilha ?
além das duzentas milhas ?
além do sol ? mais equém ?

no kohoutek ?
no além ?

- não, amigo, a tal guerrilha
está no mar, sobre as ilhas
e aqui bem perto também :

em marabá,
mar-equém

EH MARABÁ

Eh Marabá
um canto rebelde a teus fuzis !

um canto global
cheirando a ar de madrugada
um canto dessa gente brasileira
de arrastão arrastando rede
barcaça subindo e descendo rio
um canto de enxada e suor na terra
aboio dolente ninando a noite
um canto
dessa gente apressada das cidades
poluído com fumaça
chaminés e sirenes de fábricas

Eh Marabá
norte, bússola, bandeira
estrela da manhã
carta de marear

o teu povo se integra em ti !

Eh Marabá
do fundo da noite
da impotência do braço
longos anos te esperamos !
Mas hoje sabemos
que o teu braço de oprimido
é maior que o Empire State
que o clarão de mil napalms
devastando o matagal

Norte, bússola, bandeira
estrela da manhã
carta de marear
Eh Marabá

os oprimidos aprendem o caminho !

CANTO DE AMOR

AOS GUERRILHEIROS DO ARAGUAIA

1.

não
nas vossas mãos
não tendes fuzis

tendes clarões
estrelas
pedaços de manhã

as vossas armas
são como archotes
combatendo a noite

e porque
acendeis o dia
nós vos amamos

2.

nós vos amamos
- que é preciso
o mais cedo
madrugar

mas rompa-se
a distância
este nós-e-vós
que nos parte em dois;

não há distância
quando a noite é uma

quando sobre todos
pesa a mesma bruma

quando sobretudo
a ordem é lutar

POEMA PARA HELENIRA

1.

uma mulher
se tece em
cardos
cordas
c-ordeiras aspirações.

assim é
assim quer
o dono da noite

mas

uma mulher é
capaz
de paz
e de guerra

uma mulher

2.

uma mulher

desfaz-se de

cordas

e

coisas

mais graves

e se faz em ave

e voa e vai e voa

acima

de si

- para o sol

e livre

leve

livre,

isenta dos nossos

vossos

estritos compr-omissos

ela fere a noite

pois prefere o sol

O SOL

eis o que ela mira

HELENIRA

3.

ave, helenira

os que vão lutar te saúdam !
o povo, o teu povo te saúda
e inscreve no peito
em secreta caligrafia
o teu nome

que é VIVO
e SEMPRE

ave, mulher - helenira e ira -
porque

além da morte
estás viva
e cantas dentro de nós
muito mais forte que nós
o teu brado de
vida :

esta fome de luz
esta certeza
este gosto de fogo

que nos equilibra

4.

hoje

(por enquanto)

- noites ásperas
duro silêncio -

podemos apenas
o canto tímido

de teu nome

amanhã

porém

rosas vermelhas
germinarão de teu sangue

e num dia de sol e vidro
cantaremos

aos quatro ventos
tua canção de justiça

AOS NATIVOS

Quisera ser cantador
de verso ardente e ligeiro
para cantar, lutador -
flor do povo brasileiro,
tua luta e tua dor
no vão desse mundo inteiro

Quisera ser violeiro
violeiro do sertão
pra dizer ao povo inteiro
da terra seca e da praia
o teu valor, meu irmão

E dizer que tens na mão
o sol que afinal já raia,
madeireiro ou seringueiro
lavrador ou castanheiro,
guerrilheiro do Araguaia

QUELÉ

quem é? quelé, guerrilheiro
na selva enfermo: malária
soldados chegam que fazem?
dão-lhe faca bala escárnio

quelé se esvaindo em sangue
sobre o dorso do cavalo
cada gota uma palavra
- liberdade !

quase mudo quase morto
torto de tanta tortura
boca amarga vista escura
- liberdade !

sua voz tecida em aço
perpassa campo e cidade
quelé morto mas no espaço
- liberdade !
- liberdade !

MARIA LUCIA, JOVEM COMO NÓS

A.

maria lúcia
lúcida -
jovem como nós.

teus vinte
tão verdes anos
tombados (sem flor)
em maio
terão sido por nada,
maria ?

e o sumo das tardes róseas
e as florações da alegria
e a vontade de cantar,
maria ?

B.

ah, maria
mas tu bem soubestes
que é proibido cantar

e tardes
flores
cantigas

são matéria de muita busca
e busca de muito lutar

tu que sentiste o teu povo
tu bem soubeste
da nossa agreste

colheita
feita
se sabre e espinhos

C.

para dizer-te de amor
precisaríamos

talvez
de chorar
banhar de sal
este chão de guerra

mas o pranto
apenas nos traria
o amargo consolo
dos vencidos
e o pranto
não faz sentido

D.

então, maria
este poema é
sómente para te dizer

que o teu sangue circula
também em nós
(somos jovens)

e aquece os nossos motivos
e levanta os nossos braços
para a luta

E.

haveremos de cortar
as asas do pesadelo

e um dia os feitores
do medo

ao povo
- enfim soberano -

hãõ de saldar estas dores
e estes grilhões de silêncio

esses que urdem sua fúria
contra a nossa mocidade
esses serãõ

a escória
dos tempos que hãõ de vir

mas tu que jazes na terra
por ter buscado a alegria,

reviverás noutras guerras
- as guerras dentro de nós
que nos impelem para a frente
e dão força à nossa voz

f.

e porque é de todos esta briga
ela se abriga
na ação e no coração
de nossa gente inteira

não: tua morte
não foi vã

maria lúcia, lúcida estrela

nossa amiga e
guerrilheira -

nossa irmã

Poema do Soldado Morto

o combatente do medo
armado até as gengivas
pra combater um segredo
partiu

e nem sabia por que

o combatente do medo
(filho em si de camponeses)
chegou sangrou camponeses
massacrou jogou napalm

e nem sabia por que

o combatente do medo
na sombra da sêlva espessa
tombou sob o grão de fogo
de uma bala guerrilheira

e nunca soube por que

e os generais, que entrementes
guerreavam - nos banquetes
batizaram-no de herói
e recrutaram mais trinta

que nem sabiam por que

* *

Ó vós, soldados do medo
irmãos e filhos do povo,

voltai vossas tristes armas
contra quem vos faz escuros
contra quem vos faz escudos
dos seus escusos projetos !

sustai todas vossas almas
guardai todas vossas balas
para os generais abjetos !

Canção das F. G. A.

Não somos do norte
nem somos do sul
Nossa geografia
é um sopro de liberdade

O verde invadiu nossos olhos
Verde a floresta
e verde a nossa certeza
nos novos frutos da terra

Decerto que há fuzis
muitos mortos, muitos nossos
há os do ofício do não
entre o povo e a madrugada

Decerto que há um muro de homens
verdes (verde-velho, verde-lodo)
entre nós - entre o povo -
e a madrugada

Mas (antes de tudo)
é preciso que se faça o dia
e se as nossas águas, nosso fogo
vão dar no dia

que noite nos deterá ?
Decerto não fizesse escuro
deitaríamos os fuzis no
leito do Araguaia

e passaríamos a cantar
uma flor, uma floresta: esta
Mas que flor de mais cantigas
que a liberdade buscada ?

Não somos do norte
nem somos do sul
Nossa geografia
são as pétalas da madrugada

Das Ferramentas

não aceite o açoite
porque de aço e noite
não se faz manhã

manhã se faz, mas
é com braço e foice
é ceifando ao tempo

toda a flora vã

AVANTE!

Sus
vós
nus
sós

pois
os
sóis
dos

que
são
sem

já
lá
vem !

Percepção da Aurora

não no ponto neutro
inexistente nos relógios
porém no centro
de que é são e podre
no espaço lento
do que é perto e longe
no ligamento
do que vem e hoje
no dividendo
do depois e agora
entre o que se guarda
e o que se joga fora
entre o cuspo e o beijo
noites e matizes:
te escuto te vejo
descubro as tuas
raízes - ó aurora
indivisível !

NOTAS

Helenira - Jovem paulista. Muito conhecida nos meios estudantis de vários Estados, devido a ter participado da diretoria da UNE. Perseguida pela repressão, foi viver com os camponeses da região do Araguaia, lá incorporando-se à guerrilha. Des tacou-se pela sua coragem e dinamismo. Foi morta durante um combate com as forças policiais.

Quelê - Outro guerrilheiro. Atacado de malária, ardendo em febre, abrigava-se sob uma árvore, quando foi surpreendido por soldados. Sofreu então toda a sorte de torturas. Ferido e sangrando, foi levado prisioneiro amarrado sobre um cavalo. Em todo o caminho gritou, concitando o povo a continuar a luta. Sua voz foi-se tornando cada vez mais débil, até que se calou em definitivo. Este episódio é largamente conhecido e recontado pelos moradores da região, havendo já adquirido uma certa aura de fato lendário.

Maria Lúcia - Jovem de pouco mais de vinte anos. Desfrutava de uma vida relativamente abastada no Sul do país, mas preferiu a luta ao lado do povo. Viveu no interior do Mato Grosso, onde era muito estimada pela população. Daí ligou-se às FGA. Inexperiente ainda, caiu numa cilada e foi morta pelos soldados da repressão, a 16 de Maio de 1972, pouco depois de iniciada a resistência. Comentando o fato, um general, - chefe de polícia de Mato Grosso - disse ser esse o "tratamento que o Exército dispensava aos guerrilheiros..."

A HELENIRA RESENDE

Elenira como muchos,
un día descubrió
la verdad,
como muchos.
La verdade del pueblo,
aquella verdad dura
del pueblo oprimido.

Y ella la defendió,
la defendió hasta el fin.
Y mirá que eso es difícil,
a veces más que morir.
Y ella la defendió
noche y día.

Noche y día
ella vivió,
del hombre su alegría,
del pueblo sus dolores.
Ella amó y sufrió
noche y día.

Noche y día
trabajó,
el hombre de la tierra,
la tierra del hombre,
para dar al hombre
su tierra
noche y día.

Noche y día
Elenira hizo de sí,
un arma del pueblo,
del pueblo su lucha.

Un día Elenira murió
y ese día se hizo noche,
pero enseguida nació
otro día
que ella dejó para nacer.

Elenira no murió
así tan simplemente,
la vida le fue arrancada.
Asesinada
fue Elenira.
Sinó, ella no dejaba
la vida
la lucha
noche y día.

Y ella sigue presente
en el pueblo,
en la llama de la lucha,
en el ánimo,
en el movimiento
de todo aquello
que quiere hacer
de nuestro mundo,

Y ella sigue presente
en el pueblo,
en la llama de la lucha,
en el ánimo,
en el movimiento
de todo aquello
que quiere hacer
de nuestro mundo,
nuestro mundo brasilero,
de nuestro mundo entero,
el mundo de aquél
que,
explotado,
sufrido,
noche y día
lucha para construir
un mundo de libertad.

Para inaugurar esta nueva sección de nuestro Boletín, hemos seleccionado dos poesías acerca de la heroica lucha iniciada hace casi 3 años por los guerrilleros del Araguaia. La primera, titulada "Escucha la voz del Araguaia" - y, de la cual, infelizmente, no tenemos sino algunos fragmentos - viene siendo divulgada desde hace algún tiempo por la resistencia brasilera através de su prensa clandestina; en sus estrofas afirma:

"Luto por un Brasil novo
e livre de generais
pelos direitos do povo
e liberdades gerais."

Y, más adelante, convocando el pueblo a seguir el camino del Araguaia:

"O fraco vira no forte
no grande vira o pequeno
aos poucos se muda a sorte
e largo fica o terreno.

Conheço bem esta terra
e luto com decisão
domino a arte da guerra
é justa minha razão.

Não temo nenhum castigo
nem tremo ante trovão
por isso junto comigo
andaré toda a nação."

A busca da apuração de responsabilidades pela morte e/ou desaparecimento de opositores ao Regime de 64 que participaram do episódio conhecido como "Guerrilha do Araguaia", e, ainda, pela perseguição policial e difíceis condições de sobrevivência a que foram submetidas as populações de várias cidades do sul do Pará e norte de Goiás - por onde se estendeu a guerrilha - tem sido objeto de incansável luta de suas famílias e dos Movimentos de Anistia.

Toda a imprensa divulgou que nos anos 72/74 a presença do exército naquela região foi ostensiva e numerosa, com o fim determinado de perseguir e aniquilar todo movimento de resistência à exploração e miséria que caracterizam a vida daquela gente. Sabe-se mesmo que na última campanha, em 1974, o contingente das forças armadas que para lá se deslocou era de 5 mil homens.

Apesar da participação, hoje tornada pública, do exército na prisão, tortura, morte e desaparecimento de brasileiros que para lá se mudaram e da população que sempre morou lá, até o presente momento as autoridades federais não assumem sua responsabilidade. Nada respondem sobre o paradeiro das pessoas que lá estavam e foram aprisionadas: não tomam a iniciativa de investigar sobre a ação do exército naquela área; sistematicamente se recusam a adotar um procedimento sério a partir das denúncias dos familiares dos mortos e/ou desaparecidos.

O Comitê Brasileiro Pela Anistia (RJ e MG) considera que esta apuração de responsabilidades e punição dos autores dos crimes cometidos contra a população e os guerrilheiros do Araguaia, bem como a desativação de todos os órgãos de repressão, acompanhada da revogação da Lei de Segurança Nacional e demais leis de exceção, são condições para a conquista da ANISTIA AMPLA, GERAL E IRRESTRITA.

JULHO DE 1980

CBA- Minas Gerais

CBA- Rio de Janeiro

IMPRESSÃO

**CENTRO MINEIRO DE
CULTURA POPULAR**

Endereço: Rua Gonçalves Dias, 320 – Funcio-
nários – Fone: 226-6431 – 30000 – BH – MG.